

UNIFICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ORGANIZACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO DAS CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS

Katherine Demuth
Centro de Estudos Africanos, Universidade de Boston
Seminário sobre a Ortografia
Maputo, Moçambique, Agosto 1988

1. A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE UM CONJUNTO UNIFICADO DE PRINCÍPIOS ORTOGRÁFICOS

Como será sem dúvida discutido por outros oradores neste Seminário, há várias razões importantes para o desenvolvimento de um conjunto unificado de princípios ortográficos. Em primeiro lugar, quando se trata de um grupo de línguas aparentadas, como é o caso das línguas moçambicanas, o uso de um conjunto unificado de princípios ortográficos ajuda a captar a sistemática e natural familiaridade linguística entre as línguas e os dialectos. Em segundo lugar, o desenvolvimento de uma ortografia assente em certos princípios estabelece um sistema ortográfico "padrão" onde muitos sistemas diferentes já podem ter sido préviamente usados. Em terceiro lugar, um sistema ortográfico unificado facilita o ensino de línguas. Se os professores sabem que os estudantes são alfabetizados em determinada língua, eles podem usar aquilo que os estudantes sabem, mostrando que os mesmos princípios básicos são válidos para a nova língua a ser aprendida. Finalmente, uma ortografia unificada facilita a promoção do alfabetismo, do ensino de línguas, multilinguismo e a preservação do conhecimento e tradição culturais. Se o aprendiz de uma língua (jovem ou velho) compreende alguns princípios básicos de um sistema ortográfico, é mais fácil transferir essas habilidades para outra língua. Assim, aprender a escrever, ler e falar uma nova língua torna-se mais fácil.

Quando se fala do desenvolvimento de uma "ortografia unificada" existem três níveis diferentes que precisam de ser tratadas. O primeiro é sobre a linguagem individual ou dialecto. Qualquer pessoa concordaria que para uma dada língua dever-se-ia usar a mesma ortografia - senão seria uma perda de tempo e de recursos para além de ser extremamente confuso tanto para os leitores como para os professores. Assim, o objectivo de se estabelecer uma ortografia unificada devia tentar trabalhar com sistemas já existentes, enquanto se desenvolvem aqueles que ainda não estão sob plano cuidadoso e consciente. Em segundo lugar, faz de novo sentido desenvolver uma ortografia unificada para dialectos próximos do mesmo grupo linguístico. Assim, um sistema ortográfico devia incluir as variações dialectais. Em terceiro lugar, um sistema ortográfico devia tentar ser consistente nas diferentes línguas aparentadas, utilizando o mesmo conjunto de princípios básicos organizativos e, onde possível, grafemas similares para os mesmos sons. Seguir um tal programa tem não só os resultados práticos já referidos, como é também economicamente viável. Um exemplo flagrante e suficiente para ilustrar esta questão: pensamos muitas vezes no Chinês como língua única com vários dialectos. Contudo, esses "dialectos" são línguas muito diferentes, sendo mesmo mutuamente incompreensíveis. Contudo, todas as línguas chinesas usam a mesma ortografia "logofónica" (ou "ideográfica") e podem assim ler jornais, usar actas de outras partes da China. Assim, mesmo com línguas mutuamente incompreensíveis, um sistema unificado Chinês teve vários resultados práticos. Nem todos os países foram tão felizes na sua escolha da ortografia: a história do desenvolvimento ortográfico no grupo das línguas Sotho foi influenciada tanto política como emocionalmente desde os princípios de 1900. Viro-me agora para um exemplo de situação ortográfica Sesotho, e apresento como um exemplo de um caso problemático que pode, esperamos, ser evitado em Moçambique.

2. AS ORTOGRAFIAS SESOTHO

As línguas Sotho, embora diferentes em diversos domínios, são basicamente dialectos mutuamente compreensíveis da mesma língua. Assim como o Shona e o Chinyanja as línguas Sotho atravessam várias fronteiras nacionais: O Sesotho é falado em Lesotho e na África do Sul (embora o Sepedi seja longamente falado na região do Transvaal na África do Sul). Tucker (1969:15) aponta que o Sesotho e o Setswana estão mais próximos um do outro do que ao Sepedi, embora o Sesotho mostre maior influência do contacto lexical com o Zulu e os dialectos do Setswana ao Norte sejam mais próximos fonológica e lexicalmente do Sepedi. A história do desenvolvimento ortográfico para o Lesotho remonta a 1841. Durante os 60 anos

seguintes a ortografia foi experimentada até se padronizar em 1906. Dessa altura em diante, a ortografia foi usada para todos os materiais educacionais (e outros) produzidos no Lesotho (Basutolandia na altura). Foi decidido na Conferência de 1906 que o desenvolvimento de uma ortografia unificada para o Lesotho ainda não era possível. Assim, em 1947., a África do Sul impôs o "Bantu" Education Act" propondo também uma ortografia revista do Sesotho (1959) que aceitará uma convenção ortográfica unificada igual à do Setswana e do Sepedi. Por razões práticas e políticas, (ver Paquet 1965), os especialistas Sesotho no Lesotho não foram muito receptivos às aberturas da África do Sul sobre a mudança da ortografia usada no Lesotho tendo a questão ficado como inicialmente, embora com discussões contínuas sobre possíveis reformas (ver Moletsane e Mateso 1985). Assim, enquanto a África do Sul mantém hoje uma base ortográfica unificada para as línguas Sotho, o Lesotho mantém a sua própria ortografia "Sesotho". Isto resultou em duas ortografias Sesotho separadas, uma utilizada na África do Sul e a outra no Lesotho. Tal como se esperava, isto levou a uma série de problemas tanto para os professores e estudantes do Sesotho, assim como para autores e leitores. Uma amostra das diferentes ortografias Sesotho usadas hoje é dada em baixo

Sesotho (Lesotho) disjuntiva	Sesotho (África do Sul) conjuntiva
h	g
kh	kg
v	
ts	tsh
	v
tj	ts
ch	tjh
foh	fj
psh	pjh
l	l/d (antes das vogais i/v)
o	w+vogal
e	y+vogal
	nn
	mm

Assim existem duas ortografias Sesotho que são usadas hoje, uma na África do Sul e outra no Lesotho; não há nenhuma que seja aceite como padrão. Do mesmo modo, não existe nenhum padrão para os dialectos aproximados da mesma língua. "Cão" em Setswana e Sesotho é escrito ntsa e ntja, respectivamente (embora se note que também há diferentes formas de escrever para o Inglês britânico e americano - ex. Centre/center, favour/favor). Eu sugiro que, onde for possível, um único sistema ortográfico seja usado para a mesma língua e mesmo para dialectos aproximados do mesmo grupo linguístico.

Existe, contudo um outro sentido para "ortografia unificada". Tucker (1929:201) aponta similaridades etimológicas entre os sistemas Nguni; de 5 vogais e o proto-Bantu sotho de 7 vogais (também em paralelo com o Swahili (5 vogais) e o Kikuyu (7 vogais) e recomenda um conjunto ortográfico unificado que preserva as etimologias comuns entre os sistemas vocálicos Nguni e Sotho. Assim, em vez de a ortografia representar "pessoa" como umuntu em Zulu e motho em Sesotho, propõe que ambas sejam escritas com "a vogal anterior fechada u (embora a vogal Sesotho seja a vogal semi-fechada u). Embora isto cause outros problemas (o Sesotho teria de distinguir o l e o d se a distinção entre vogais semi-fechadas for mantida, isso facilitaria uma representação ortográfica unificada do Sotho e do Nguni que captaria similaridades entre os dois grupos linguísticos. Então, voltando atrás e comparando as análises fonémicas não só dos dialectos, mas também das línguas aparentadas, é por vezes possível desenvolver um sistema ortográfico unificado que captaria a relação histórica entre as línguas, facilitando o ensino, a leitura, a escrita e a promoção da cultura e da literatura no processo. Assim, existem várias razões para manter uma ortografia unificada, não só para uma dada língua, mas também para dialectos muito próximos de um dado grupo linguístico. Do mesmo modo existem igualmente boas razões para tentar manter uma consistência ortográfica através de línguas muito próximas, onde for possível.

3. PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA ORTOGRÁFICO UNIFICADO

A história dos sistemas ortográficos para o Sesotho, mais os diferentes sistemas ortográficos usados para o Sesotho, Setswana e o Sepedi resultaram em parte de problemas geopolíticos. Tal como apontaram Moletsane e Matsoso (1985) a questão da ortografia não deveria ser resolvida com base em sentimentos emocionais que nascem de sentimentos nacionalistas, mas com base em perspectivas linguísticas e sociológicas, no que é melhor a longo prazo para professores e estudantes, escritores e leitores da língua e para o desenvolvimento nacional do país. Moçambique está hoje numa posição única para fazer o que os outros países tiveram de aprender pelo engano ou pelo erro. À excepção do Português, as línguas faladas em Moçambique são línguas bantu muito aparentadas que ajudam, elas próprias, para o desenvolvimento de um sistema ortográfico único. Para além disso, uma longa tradição literária deve ainda ser desenvolvida para a maioria dos 8 grupos linguísticos moçambicanos identificados em Katupha (1988). Para um Swahili, Shona e Chinyanja - Chichewa mais desenvolvidas, é talvez mais fácil seguir os sistemas ortográficos que já estão sendo desenvolvidos. Para as outras línguas moçambicanas as portas para o desenvolvimento de um sistema ortográfico baseado no princípio do som, estão abertas. Os pontos focados anteriormente oferecem algumas sugestões preliminares sobre o modo mais efectivo de se levar a cabo a esperança de que estes princípios estimulem mais discussões e ajudem a identificar os aspectos relevantes.

A. LINHAS GERAIS PARA UM SISTEMA ORTOGRÁFICO UNIFICADO:

1. Onde um sistema ortográfico já tenha sido estabelecido num outro país (Swahili - Tanzania, Shona - Zimbabwe, Chinyanja/Chichewa - Malawi) ver se esse sistema e materiais educacionais podem ser adaptados.
Aproveitar o tempo restante e os recursos para as línguas que não tenham nenhuma tradição escrita estabelecida.
2. Onde ainda não foi possível, levar a cabo uma análise fonética nas línguas moçambicanas.
3. Onde for necessário, desenvolver um conjunto comum de terminologia gramatical (nas próprias línguas) para caracterizar os diferentes aspectos gramaticais da língua.
4. Onde for possível, usar o mesmo sistema ortográfico para dialectos aparentados e, se for aplicável, para línguas aparentadas.

B. ESBOÇAR O SISTEMA ORTOGRÁFICO COM ESPECIAL ATENÇÃO PARA:

5. Usar uma ortografia conjuntiva (isto pode facilitar a leitura e tomar os morfemas fonologicamente similares não ambíguos).
6. Onde for possível, representar fonemas, na ortografia, e não alofones (p. ex.; o Sesotho é sempre escrito **l**, embora seja pronunciado **ɫ** antes das vogais anteriores). A abordagem fonémica maximizará a possibilidade de uma ortografia ter maior relevância para os diferentes dialectos e ainda (potencialmente) para mais de uma língua (p. ex., os sistemas vocálicos sotho - nguni).
7. Onde for possível, usar grafemas que existem já na maior parte das máquinas de escrever em vez dos diacríticos (ver os problemas que os diacríticos causaram nas ortografias das línguas sotho (ts v)).
8. Deixar a marcação de tons, se possível (em relação a (7)).
9. Quando for possível usar a correspondência um som = um grafema, em vez de grupo de consoantes (isto facilitaria a simplicidade).
10. Representar todos os fonemas com um grafema separado - não juntar dois ou mais fonemas num só grafema (i. e., o **j/u** semi-fechado do sesotho é escrito por confusão do mesmo modo que **e/o** em vez de se utilizarem grafemas separados).
11. Distinguir morfemas homófonos onde uma ambiguidade potencial (p.ex., os pronomes de sujeito das segunda e terceira pessoas do presente do indicativo são fonologicamente idênticos, excepto no tom em Sotho e em Nguni - no Sesotho **é** e **ó** são distinguidos como **o** e **u** respectivamente). Apesar de estar segura do debate em torno das questões apresentadas, apresento estas recomendações aos participantes ao Seminário para maior discussão, como um conjunto de linhas de orientação potenciais para a implementação de uma ortografia moçambicana unificada.

Referências

KATUPHA, J. M. M. 1988. *Language Situation and Language Use in Mozambique*. Paper presented at the 19th African Linguistics Conference, Boston University, Boston

MOLETSANE, R. I. M. and C. M. MATSOSO. 1985. *Handbook of the Teaching of Southern Sesotho*. Maseru: FEP International Sesotho (Pty) Ltd.

PAQUET, Q. S. 1965. *Our Southern Sesotho Orthography*. Maseru: The Catholic Centre (2nd printing).

TUCKER, A. N. 1929. *The Comparative Phonetics of the Suto-Chuana group of Bantu Languages*. London: Longmans, Green and Co. (Gregg International Publishers Limited. 1969)